

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Paola Roberta Santos de Oliveira

**ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NA TRANSIÇÃO DA IDADE MÉDIA À RENASCENÇA A PARTIR  
DAS IDEIAS E INTERPRETAÇÕES DE CORNELIUS AGRIPPA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho.

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Paola Roberta Santos de Oliveira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473141A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Análise da figura feminina na transição da Idade Média à Renascença a partir das ideias e interpretações de Cornelius Agrippa**, desenvolvido durante o período de 29 de Julho de 2016 a 13 de Janeiro de 2017 sob a orientação de Pedro Calixto Ferreira Filho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Paola Roberta Santos de Oliveira**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NA TRANSIÇÃO DA IDADE MÉDIA À RENASCENÇA A PARTIR DAS IDEIAS E INTERPRETAÇÕES DE CORNELIUS AGRIPPA

Paola Roberta S. de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar a figura do sexo feminino em um período de transição da Idade Média para a Renascença, o que será feito através da obra *De nobilitate et praecellentia foeminei sexus*, de Cornelius Agrippa, autor renascentista, que baseia toda a sua interpretação na Sagrada Escritura e tem a mulher como superior ao homem, ideia que acaba sendo interpretada de outras formas na modernidade e, em geral, pensa-se a mulher como inferior ou submissa. Para isso passaremos por algumas obras da historiadora francesa Régine Pernoud, para a contextualização da figura feminina na idade média e, a partir disso, serão apresentadas algumas das principais ideias de Aristóteles no que diz respeito à mulher, ao homem e à família e à posição destes em relação ao Estado. E por último, entraremos na análise de Agrippa sobre a figura feminina. Diante disso veremos que a introdução do Direito Romano nas sociedades foi a responsável por uma inversão no papel e na visão da mulher dentro da sociedade, das instituições e do Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulher; transição; direito romano; família; superioridade.

## 1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho analisaremos a imagem da mulher em um período de transição da Idade Média à Renascença. Em geral, a ideia que se tem de Idade Média é muito limitada<sup>2</sup>, a figura feminina exerceu papéis importantes dentro de instituições medievais, o que foi se perdendo com o tempo e início do período renascentista. Diante do que será exposto aqui poderemos levantar questões como até que ponto a modernidade foi favorável ao sexo feminino, se a figura da mulher moderna é de fato maior e mais respeitada do que a da mulher medieval.

Dessa forma, analisaremos, além da imagem da mulher medieval e sua transição à renascença, a ideia do sexo feminino que existia até o início desse segundo período e que foi se perdendo com o passar do tempo, mais especificamente com a introdução do Direito Romano na sociedade medieval, que foi, inclusive, muito influenciado pelas ideias aristotélicas. No entanto, o objetivo central do trabalho é analisar as interpretações de Cornelius Agrippa diante da figura feminina no período aqui tratado.

Para isso utilizaremos como matéria de base e de análise principal a obra *De nobilitate et praecellentia foeminei sexus*, de Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, autor renascentista alemão. A obra foi escrita em 1529, em meados do século XVI e início do período renascentista, onde houve uma inversão nos papéis e no direito da mulher. Cornelius Agrippa nos traz a ideia de uma superioridade do sexo feminino sobre o masculino, exaltando a nobreza e proeminência da mulher a partir da Sagrada Escritura, onde baseia toda a sua argumentação. Além disso, serão estabelecidos alguns contrapontos entre as ideias de Agrippa e Aristóteles sobre a mulher, onde se estabelecem interpretações completamente distintas.

O trabalho é baseado apenas em análises bibliográficas e se divide basicamente em três partes. Na primeira será feita a contextualização do período histórico a partir das obras de Régine Pernoud, onde o objetivo será expor a imagem da mulher medieval e seu papel, não só na Igreja, umas das principais instituições nesse período, como também dentro da própria família e como esta se constituía nesse momento, assim como expõe a historiadora. Na segunda parte será apresentada a ideia de Aristóteles em relação à mulher e à família, onde o filósofo trata da

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: paolarob.95@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho

<sup>2</sup> A figura feminina tinha um papel bem maior do que o que imaginamos dentro das sociedades medievais, exercendo funções importantíssimas e indispensáveis dentro de instituições sociais como a Igreja e a família. A mulher não era submissa ou restrita somente ao ambiente familiar e de servidão, muito pelo contrário, havia uma cultura de respeito e exaltação da mulher.

especificidade das funções de cada sexo e a importância delas para o funcionamento social. E já na terceira e última parte será feita a análise dos principais pontos da obra de Cornelius Agrippa, em que será discutida a imagem da mulher em sua nobreza e proeminência. Essa será a principal e mais extensa análise do trabalho.

## 1. A MULHER NA IDADE MÉDIA

Durante a Idade Média, contrapondo-se ao pensamento predominante sobre esse período, a mulher tinha grande importância dentro da sociedade e era, inclusive, tratada de forma semelhante ao homem, o que se dava, por exemplo, já no momento de coroação do rei e da rainha, em que ambos eram coroados da mesma forma e com a mesma importância. Além do poder político dado também à rainha nesse ato, as mulheres na França medieval tinham extraordinário poder dentro da Igreja, que é ressaltado por Regine Pernoud: “Algumas abadesas eram autênticos senhores feudais, cujo poder era respeitado de modo igual ao dos outros senhores[...] administravam muitas vezes vastos territórios com aldeias, paróquias...” (PERNOUD, 1977, p. 95). Além de exercer poder administrativo, as mulheres eram extremamente instruídas, conhecedoras de várias línguas. E mesmo aquelas que não se inseriam dentro dos papéis eclesiásticos tinham papel importantíssimo dentro da instituição familiar, sendo responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos, algo de grande valor.

Inclusive, tratando-se aqui especificamente da França, os maridos não tinham o poder de um proprietário dentro da família, como dono da mulher e do filho, mas o poder e o papel de um administrador, o que se perdeu com a introdução do Direito Romano, a partir do século XVI, dentro dessa sociedade. Antes desse poder sem limites concedido ao homem, a mulher colaborava na administração da sociedade e tinha grande papel na educação dos filhos; o homem estava longe de exercer sobre ela poder absoluto.

É nesse momento e sobre essa questão, da quantidade de poder dada ao homem dentro da família, que será ressaltada a importância da instituição familiar nesse período: “A comunidade conjugal, o pai e a mãe, exercia então conjuntamente a tarefa de educação e de proteção dos filhos, assim como, eventualmente, a administração dos bens” (PERNOUD, 1977, p. 102). A família era então tida como um direito natural, “possuía a base moral e material e as liberdades necessárias à sua existência” (PERNOUD, 1981, p. 26).

Sobre a questão da instituição familiar, do papel do homem dentro desta e ainda sobre a visão da Igreja sobre esse assunto, a historiadora diz:

É mais difícil deslindar a influência moral exercida pela Igreja nas instituições privadas porque a maior parte das nações que lhe são devidas entraram de tal modo nos costumes que temos dificuldade em nos darmos conta da novidade que elas apresentavam. A igualdade moral do homem e da mulher, por exemplo, representa um conceito inteiramente estranho à Antiguidade; a questão nem sequer se tinha posto. De igual modo, na legislação familiar, era uma profunda originalidade substituir ao direito do mais forte a proteção devida aos fracos; o papel do pai de família e do proprietário fundiário encontrava-se completamente modificado. Face ao seu poder, proclamava-se a dignidade da mulher e da criança e fazia-se da propriedade uma função social. O modo de encarar o casamento, segundo as ideias cristãs, era também radicalmente novo: até então só se via a sua utilidade social e se admitia, por consequência, tudo o que não arrastava desordens deste ponto de vista; a Igreja, pela primeira vez na história do mundo via o casamento em relação ao indivíduo, e considerava nele, não a instituição social, mas a união de dois seres para desabrochamento pessoal, para a realização do seu fim terrestre e sobrenatural; isto arrastava, entre outras consequências, a necessidade de uma livre adesão em cada um dos cônjuges, dos quais ela fazia os ministros de um sacramento tendo o padre como testemunha, e a igualdade de deveres para ambos (PERNOUD, 1981, p. 86).

A partir disso, notamos a igualdade que se dá entre homem e mulher que, apesar de iguais em dignidade, possuem funções distintas, tanto na sociedade como na família. Funções distintas e complementares, uma não anula a outra. Tomando a família como instituição importantíssima dentro da sociedade medieval, notamos essa complementariedade. O homem como chefe é responsável por mulher e filhos, tendo a obrigação de sustenta-los e proporcionar-lhes uma boa qualidade de vida, sendo sua função a administração desta, esse é o papel do chefe da família. Já a mulher ocupa-se dos cuidados com a casa e com os filhos, sendo responsável pela educação

destes<sup>3</sup>. A complementariedade entre homem e mulher se dá também dentro da modificação da própria visão da Igreja sobre o casamento, sendo encarado como a união de dois indivíduos e suas particularidades, não mais como a constituição de uma instituição social.

A mulher, na sociedade francesa, perdeu todo o seu valor e o seu poder político e administrativo com a inserção do Direito Romano, que dá ao pai, chefe da família, poder absoluto sobre ela e o papel de proprietário, não mais de administrador apenas, sendo mulher e filhos tidos como posse. Foi um direito que, como diz Pernoud, contribuiu para alargar os poderes do Estado centralizado e, sobretudo, para limitar os poderes de ação da mulher principalmente dentro do casamento.

Ora o direito romano não é favorável à mulher, como também o não é à criança. É um direito monárquico que não admite senão um único termo. É o direito do *pater familias*, pai, proprietário e, em casa, como sacerdote, chefe de família de poder sagrado, em qualquer caso ilimitado, no que se refere aos filhos: ele tem sobre eles direito de vida e de morte – sucedia o mesmo em relação à mulher, apesar das limitações tardiamente introduzidas com o Baixo Império (PERNOUD, 1977, p.92).

## 2. A MULHER EM ARISTÓTELES E O DIREITO ROMANO

Diante do que foi previamente tratado, analisar-se-á as ideias aristotélicas, as quais tiveram grande influência na elaboração do Direito Romano. Aristóteles afirma as diferenças entre os sexos e exalta a superioridade do sexo masculino, sendo a mulher, para ele, dotada de uma faculdade de querer fraca, por isso é inferior ao homem, que a tem por completo. O Direito Romano fez da divisão dos sexos uma questão jurídica. O sexo passou a ser tratado não como uma questão natural, mas como norma obrigatória dentro do funcionamento de uma sociedade. A questão dos sexos é entendida como uma norma organizadora no que se refere à diferença e complementariedade do masculino e feminino, tratando-se, então, de uma função legal atribuída a cada sexo.

Aristóteles refere-se à família como comunidade natural básica e sobre a qual as outras se edificam, dando ao homem papel central na atividade familiar, o papel de proprietário. Para ele, fazem parte da família os escravos, a mulher e os filhos, todos com papéis fundamentais para o funcionamento desta, sendo que mulher e escravos se confundem na mesma classe, tendo a mulher, como único fator que a separa do escravo, o poder de reprodução.

O filósofo defende uma estrutura de dependência e dominação, onde uns são destinados a mandar e outros a obedecer, sendo a família essa estrutura perfeita, uma vez que Aristóteles baseia grande parte da sua argumentação na teoria da lei natural<sup>4</sup>. “Em todas as coisas formadas de várias partes que, separadas ou não, fornecem um resultado comum, manifestam-se a obediência e a autoridade” (Aristóteles, 2011, p. 25).

Baseado nas ideias aristotélicas, o Direito Romano trata da complementariedade dos sexos como a origem e a evolução natural das instituições, o que é defendido por Aristóteles dentro da teoria da lei natural. A união do homem e da mulher através do casamento, tratando-se de um vínculo social, é dada como forma de fundamentação das instituições. Essa união multiplica as relações da sociedade através da aliança firmada, da cidadania e da nacionalidade que se estabelecem nela. O encontro dos sexos comanda todo o encadeamento institucional. O casamento é tido como um consenso entre ambas as partes, não sendo necessária a consolidação física da relação, já que esta não é importante para o Estado Jurídico.

Aristóteles defende, ainda, que todo ser vivo se compõe de alma e corpo e é, dessa forma, destinado, um a ordenar

---

<sup>3</sup> Papel que hoje em dia é visto muitas vezes como subordinação, quando na verdade é de extrema importância e destinado à mulher por suas características biológicas que são sim muito diferentes da do homem, o que não a torna menos que ele. Papéis assim são normalmente destinados às mulheres devido à sua graça, decência e até um discernimento muito maior do que o homem, características que são exaltadas por Agrippa como fatores que demonstram a superioridade do sexo feminino, logo isso pode, e deve, ser considerado tarefa nobre, que cabe à mulher, por, segundo Agrippa, ser superior ao homem. Questão que vejo como complementariedade dos sexos e não necessariamente superioridade.

<sup>4</sup> Cada ser deve a sua especificidade às funções particulares que ocupa no equilíbrio da natureza e usa as virtudes na medida certa em que elas são necessárias à excelência do exercício das funções específicas. Se o nível de excelência for o mesmo para os que governam e para os que são governados, não haverá necessidade de haver quem governe e quem obedeça

e outro a obedecer. Sendo esta a relação que existe entre o homem e os outros animais, como o macho é um ser mais perfeito e por isso governa, a fêmea, por ser menos perfeita, está destinada a obedecer. Aplicando-se, então, essa mesma lei a todos os homens. Para Aristóteles, os elementos da alma estão em cada um dos seres (na mulher, no escravo, no homem e nos filhos), mas em graus diferentes. “O escravo é completamente privado da faculdade do querer; a mulher a tem, mas fraca; a do filho é incompleta” (Aristóteles, 2011, p.42). Diante disso, tendo o homem todos os elementos da alma em grau de perfeição, é destinado a ele poder absoluto sobre todos os outros membros que constituem a família. Dessa forma, o grau da vontade, sendo tratado como o grau da razão pelo filósofo, é uma forma de privação do entendimento, assim, a racionalidade da mulher e do escravo seria passiva em relação à do homem.

Dado que a diferença entre macho e fêmea diz respeito à matéria e ao corpo, Aristóteles dá ainda uma base teórica ao desejo entre um e outro, que, apesar da existência empírica de dois sexos, há, para ele, apenas uma forma que se transmite nos genes: a do pai. O filósofo define as características femininas de acordo com sua inferioridade em relação ao corpo masculino. Essa relação entre os corpos se dá através de uma correspondência, dado que o homem possui o pênis e a mulher o útero, sendo o macho o ser capaz de gerar em outro e a fêmea o ser que gera em si próprio. Diante disso, Aristóteles exalta as diferenças anatômicas, fisiológicas e biológicas de ambos os sexos, o que afirma, para ele, a superioridade dos machos, em todas as espécies, sobre a fêmea.

Aristóteles ainda aborda a virtude, que de maneira alguma se dá da mesma forma no homem e nos outros seres. No entanto, essa virtude sendo moral, isto é, não gerada em nós por natureza, mas dada como resultado do hábito que nos torna capazes de praticar atos justos, pertence a todos os seres “e que nem o temperamento, nem a coragem, nem a justiça devem ser iguais no homem e na mulher, como acreditava Sócrates” (Aristóteles, 2011, p.43).

Logo, fica claro que Aristóteles coloca a mulher numa relação de dependência natural em relação ao homem e à sociedade. Para ele, a mulher está para o marido, assim como uma pessoa livre está para o Estado:

Visto que cada família é uma porção do Estado, visto que as pessoas das quais acabamos de falar são as partes da família, e que a virtude da parte deve ser relativa àquela do todo, é preciso, forçosamente, que se dirija a educação das mulheres e dos filhos segundo a forma do governo, se se quer realmente que o Estado, as crianças e as mulheres honrem a virtude. Ora é claro que importa que assim seja, porque as mulheres são como uma metade das pessoas livres, e as crianças são o viveiro do Estado (Aristóteles, 2011, p. 44).

Previamente, citou-se neste trabalho a grande influência do filósofo na constituição do Direito Romano, o que explica a mudança do papel, principalmente do homem, dentro da família. Se antes o homem, como chefe de família, tinha apenas o papel de administrador, sem exercer sobre esposa e filhos poder algum além desse, agora, em Aristóteles, o cenário é outro. Tem-se o homem como dono e proprietário na família, exercendo poder absoluto, justificado pela sua superioridade e perfeição sobre os outros membros da família.

No Direito Romano, dentro de um contexto de união entre homem e mulher, davam-se a ambos os títulos de pai e mãe, sendo usados os termos *paterfamilias*<sup>5</sup> e *materfamilias*<sup>6</sup>. No entanto, esse título era dado ao homem no momento em que se casava, considerado automaticamente como pai e chefe de família, sem necessidade de gerar filho legítimo, enquanto à mulher esse título era dado apenas quando esta era, de fato, considerada mãe ao dar ao *paterfamilias* filho legítimo.

Diante disso, o estatuto jurídico da mulher não era considerado fora da instituição que se estabelecia com a união dos sexos. Nota-se que, dentro do Estado Jurídico do Direito Romano, a mulher não era considerada incapaz no que diz respeito a si própria, sua incapacidade se dava no que diz respeito à representação de outrem; a sua esfera de representação dentro de uma ação jurídica não se estendia muito além da sua capacidade de representação própria. E é diante disso que o casamento se torna uma instituição importante para o sexo feminino, dado que fora dele a mulher não tinha representação e este só era indispensável aos homens. O estatuto da

<sup>5</sup> Cidadão que deixava de estar sobre o poder paternal de qualquer ascendente em linha masculina

<sup>6</sup>Esposa de um cidadão em pleno gozo de suas capacidades

mulher só tem sentido em relação ao do homem.

Dentro dessa sociedade a especificidade dos sexos, dadas as suas diferenças, é importante, uma vez que as tarefas domésticas eram destinadas às mulheres e aos homens o monopólio de relações públicas e políticas. Em Roma, a divisão dos sexos não é um dado primário, mas um objeto sabiamente construído pelo direito (DUBY; PERROT, 1990, p.135).

É a partir dessa visão de Aristóteles que mais a frente estabeleceremos contrapontos com a interpretação e visão de Cornelius Agrippa, não só em relação à mulher, mas na forma que se dá sua relação com o homem.

### 3. ANÁLISE DE CORNELIUS AGRIPPA SOBRE O SEXO FEMININO

Diante do que foi tratado até o momento, entraremos na principal parte do trabalho, em que será feita análise da obra e das principais ideias de Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, autor renascentista alemão. Em sua obra ele faz uma leitura completamente diferente do sexo feminino, exaltando sua nobreza e proeminência a partir de uma interpretação bíblica.

Agrippa, ao contrário de Aristóteles, defende a igualdade entre homem e mulher em todos os sentidos, possuindo a mesma dignidade, razão e alma, diferenciando-se apenas quanto ao sexo.

“[...]creó al hombre a su imagen y semejanza, y lo creó macho e hembra, distinción que no consiste más que en la diferente situación de las partes destinadas a la procreación. [...]En cuanto a la mujer, recibió la misma inteligéncia que el hombre, la misma razón y la misma lengua”<sup>7</sup> (p.3)

Quanto à constituição do ser humano, o sexo feminino é tratado e exaltado como superior, o que fica claro já no próprio livro de Gênesis, ao se dar a criação. Em primeiro plano, o autor parte de uma interpretação a partir dos significados dos nomes, em que Adão, nome dado ao homem, significa terra e Eva, nome dado à mulher, vida. Diante disso, temos uma primeira argumentação para tratar a mulher com tamanha superioridade, como o faz Agrippa, já que a vida por si só é superior à terra, responsável, inclusive, por dar vida a esta.

“La mujer há sido creada tan superior al hombre como superior es el nombre que há recebido. Pues mientras Adán significa tierra, Eva debiera traducirse como vida; en este sentido, tan superior es la vida sobre la tierra como la mujer es superior al hombre”<sup>8</sup> (p. 4).

Na antiguidade, os nomes não se resumiam a identificadores, mas davam significado ao indivíduo, tendo relação com sua personalidade, aparência, etc. É importante ressaltar a importância e o peso dos significados dos nomes em sociedades antigas, os quais davam uma significação clara ao sujeito. Sobre isso, afirma Agrippa:

“A todo esto cabe añadir que gran parte de la autoridad de la que gozan los derechos canónico y civil, reside en los vínculos existentes entre las palabras, en sus significados y en las demostraciones a que dan lugar, no menos que a las condiciones anexas y argumentaciones de este género”<sup>9</sup> (p.4).

E é por isso que Deus, como soberano Criador de tudo e de seus respectivos nomes, já os conhecia antes mesmo de designar-lhes as devidas nomeações, as quais eram dadas de acordo com a natureza, propriedade e uso.

<sup>7</sup>[...] criou o homem a sua imagem e semelhança, e o criou macho e fêmea, a diferença não consiste em nada mais além das diferentes constituições das partes destinadas à procriação. [...] Enquanto a mulher recebeu a mesma inteligéncia que o homem, a mesma razão e a mesma língua. (Todas as traduções contidas no presente trabalho são de responsabilidade nossa)

<sup>8</sup> A mulher foi criada tão superior ao homem, como superior é o nome que recebeu. Pois enquanto homem significa terra, Eva deve-se traduzir como vida; nesse sentido, tão superior é a vida sobre a terra, como a mulher é superior ao homem

<sup>9</sup> A tudo isso cabe adicionar que grande parte da autoridade de que gozam os direitos canônicos e civil, reside nos vínculos existentes entre as palavras, em seus significados e as manifestações que dão origem, a nada menos do que as condições associadas a argumentos deste tipo.

Quanto à importância da designação dos nomes aos seres, vemos na Sagrada Escritura, no que se trata do nome dado ao próprio Cristo, em Hebreus: *“Ele está acima dos anjos, da mesma forma que herdou um nome muito superior ao deles”* (Heb. 1,4). Ainda em outro versículo, já em Filipenses, encontramos: *“Por isso, Deus exaltou grandemente, e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome; para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra”* (Filip. 2, 9-10).

Dessa forma, Adão, ao nomear a mulher, dá a ela o nome Eva, pois a ela estava designado o dom da vida, da maternidade, ela seria a mãe de todos e de tudo aquilo que vive. O fato de caber a Adão a função de nomear todos os seres não dá a ele poder nenhum sobre os mesmos, porque os nomeia de acordo com sua propriedade e função, como designado por Deus. Diante disso, o homem reconhece tamanha nobreza e superioridade da mulher, dando a ela o nome que a honre de tal forma que fique clara a sua proeminência e seu dom de dar a vida.

A mulher constitui o princípio da criação, pois é ela quem dá a luz a outro ser, sendo esta muitíssimo superior, em dignidade, ao homem. Deus criou todas as coisas antes da mulher, criou o dia e a noite, a terra e o mar, todos os animais marinhos e terrestres, toda a vegetação e todo ser vivo que habita a terra, criou o homem e só então fez surgir a mulher. Ela foi o último detalhe de sua criação e, ao criá-la, Deus viu que tudo estava perfeito, que a mulher era o resultado de sua perfeição. E, em sua perfeição, a mulher é colocada em um mundo feito e disposto a ela, por isso todas as criaturas devem amá-la e respeitá-la.

[...]después de que el Creador formó a la mujer descanso, pensando que ya no habia nada más bello que crear, pues en ella quedaba resumida y llevada a la perfección toda la sabiduria y poder del Creador, de manera que despúes de ella ya no podemos hallar o imaginar ninguna outra criatura. Y habida cuenta que la mujer es el término ultimo de la cració el más perfecto cumplimiento de todas las obras de Dios y la perfección del universo mismo, ¿quién discutirá que merece la excelência por encima de toda otra criatura? Ella, que fue creada cuando el mundo todo ya poseía una absoluta perfección<sup>10</sup> (p.5).

E, ainda, enquanto o homem foi feito a partir da terra, a mulher, por tamanha perfeição e superioridade, foi criação própria e exclusiva de Deus, criada da mesma forma que os anjos, pelas próprias mãos do Criador. Sendo o homem, assim como todos os seres, destinado a amá-la e respeitá-la, obrigado a ceder parte de si, sua própria costela para a criação de uma “coesão absoluta, eterna e perfeita”.

Si consideramos la matéria de su creación, la mujer es superior al hombre, pues su creación no exigió una matéria inanimada o um limo vil, sino una matéria purificada, dotada de alma y vida, esto es, um alma razonable, participe de la divina inteligéncia. A esto cabe añadir que Dios creó al hombre tomando una tierra que, por su própria naturaliza y mediando la influencia celeste, produce animales de toda espécie, sin embargo a la mujer creó Dios mismo, al margen de toda influencia celeste y de toda acción espontânea de la naturaleza, [...] el hombre tuvo que perder la costilla que sirvió para crear a la mujer, Eva<sup>11</sup> (p. 6).

A beleza e graça femininas são outros detalhes de sua nobreza. Agrippa descreve o corpo e suas curvas, o rosto da mulher, como sinais claros de sua superioridade e capacidade de domínio sobre o homem. “Dios ha reunido en la mujer toda la beleza que el mundo entero puede contener”<sup>12</sup> (p.7), tornando-se, então, aclamada e, muitas vezes, venerada por homens e deuses.

Ao tratar desse assunto, pode-se remeter à literatura medieval, que era, em suma, dedicada à exaltação da mulher,

<sup>10</sup> [...] depois que o Criador criou a mulher descansou, pensando que não havia nada mais belo para criar, pois foi resumida e levada à perfeição, toda a sabedoria e o poder do Criador, de forma que depois de sua criação não podemos encontrar ou imaginar nenhuma outra criatura. E uma vez que a mulher é o último tempo da criação e o mais perfeito cumprimento de todas as obras de Deus e a perfeição do universo. Quem argumentará que merece superioridade sobre todas as outras criaturas? Ela, que foi criada quando o mundo inteiro já tinha uma perfeição absoluta

<sup>11</sup> Se considerarmos a matéria de sua criação, a mulher é superior ao homem, pois sua criação não exigiu uma matéria inanimada ou um “limo vil”, sendo uma matéria purificada, dotada de alma e vida, isto é, uma alma razoável, participante da divina inteligéncia. A isto cabe concluir que Deus criou o homem tomando a terra, que por sua própria natureza e mediante a influência celeste, produz animais de todas as espécies, já a mulher foi criada pelo próprio Deus, à margem de toda a influência celeste e de toda a ação espontânea da natureza [...]

<sup>12</sup> Deus reuniu na mulher toda a beleza que o mundo inteiro pode conter.



colocando-a como um ser inalcançável por tamanha beleza e graça, sendo esta tratada com imenso respeito voltado ao culto de sua honra e nobreza. Ela aparece, muitas das vezes, como uma criatura semidivinizada dentro da literatura de cavalaria francesa.

Pour travail ni pour  
peine Ni pour douleur  
que faie Ni pour ire  
grevaine  
Ni pour mal que je traie

Ne quiers que me retraie  
De m adame um seul jour

\  
Nunca se dirige a ela senão com um respeito infinito:

*Dame, de toutes la nonpair  
Belle et bonne, à droit louée*<sup>13</sup>  
(PERNOUD, 1981, p.117).

E tratando do desejo causado no homem pela mulher, pode-se remeter também à mitologia, no que se refere à origem da mulher, que é tida como um mal, criada pelos deuses e destinada a instalar-se e habitar entre os homens para que se instaure a desgraça entre eles. Na interpretação do mito<sup>14</sup>, a mulher é considerada a maior desgraça dada aos homens, pois esta leva a eles o desejo, o fim do contentamento e da autossuficiência. No entanto, esse despertar do desejo e da necessidade que o homem sente em relação à mulher pode ser interpretado aqui, como mais uma prova da nobreza e superioridade femininas e o poder que a mulher exerce sobre o sexo masculino.

Novamente, retoma-se a Bíblia Sagrada para sustentar as argumentações do autor. E no que remete a esse “dom divino e amado por deuses e homens”, vemos em Gênesis que “os filhos de Deus, vendo as filhas dos homens, as acharam belas e escolheram esposas entre elas” (Gn. 6,2).

Da mesma forma, Sara, mulher de Abraão, é descrita como a mais bela de todas as mulheres da terra, de modo que Abraão é conservado em vida e são dadas a ele boas condições para mantê-la por causa de sua mulher:

Quando estava para entrar no Egito, disse a Sarah sua mulher: “Escuta, sei que és uma mulher formosa. Quando os egípcios te virem, dirão: ‘É sua mulher’, e me matarão, conservando-te a ti em vida. Dize, pois, que és minha irmã, para que eu seja poupado por causa de ti, e me conservem a vida em atenção a ti”. Chegando Abraão ao Egito, os egípcios notaram que sua mulher era extremamente bela. Os grandes da corte, vendo-a, elogiaram-na diante do Faraó, e a mulher foi introduzida no seu palácio. Por causa dela, Abraão foi bem tratado pelo faraó, e recebeu ovelhas, bois, jumentos, servos e servas, jumentas e camelos (Gn. 12, 11-16).

O autor cita ainda a imensa beleza e nobreza da própria Virgem Maria

Virgem María, madre de Dios y virgen inmaculada, que a todas superó con cerces, a ella, cuya beleza fue admirada por el Sol y la Luna, a ella, cuyo rostro exímio fulguró con tan casta y santa beleza que, a pesar de deslumbrar todos los ojos y corazones, jamás hombre alguno ejerció médios de seducción com ella ni la ofendió com el más fugitivo deseo<sup>15</sup> (p.8).

---

<sup>13</sup> Nem por trabalho nem por pena. Nem por dor que tenha. Nem por ira dolorosa. Nem por mal que sofra. Jamais abandonarei a minha dama um só dia. Senhora de todas, a única, bela e boa, justamente louvada

<sup>14</sup> No início de tudo, os mortais viviam em paz com os imortais, isto é, havia um convívio pacífico, em sua maior parte, entre homens e deuses. Esses diferentes seres formavam uma sociedade homogênea onde a felicidade reinava. Até que um dia ocorre um acidente. Prometeu, um dos deuses, filho de um Titã, resolve enganar, numa espécie de brincadeira, Zeus no que se referia à partilha de um boi destinado a um banquete. Ao invés de repartir os pedaços do animal conforme as regras, oferece os ossos a Zeus. O supremo deus não recebe a brincadeira com bons olhos e resolve vingar-se, dando aos homens um mal: a mulher

<sup>15</sup> Virgem Maria, mãe de Deus e virgem imaculada, que a todos superou, a ela, cuja beleza foi admirada pelo sol e pela lua, a ela, cujo rosto brilhou isenta de beleza casta e santa, apesar de deslumbrar todos os olhos e os corações, nenhum homem nunca tentou seduzi-la e nem a ofendeu no mais fugitivo desejo.

A mulher é a responsável por gerar a vida, quem a carrega e é responsável por ela. Aqui está mais uma prova de tamanha nobreza e proeminência do sexo feminino. Essa qualidade é dada apenas a ela, com uma participação muito pequena do homem. É dado a mulher, e somente a ela, o dom de gerar fruto de seu sangue<sup>16</sup>.

[...] desde la creación del género humano la naturaleza há preferido la mujer a los hombres; Esto se muestra com particular evidencia en el hecho de que sólo la simiente feminina [...] es matéria y nutriente para el feto, mientras que la del hombre interviene muy poco, penetrando como uma suerte de acidente de la sustância. La empresa principal y esencial de las mujeres, dise la ley, es concebir y proteger el fruto de su concepción y, porque han sido procreados por su sangre, habitualmente los niños se parecen a sus madres. Y si bien este parecido es frecuente en el aspecto físico, se da siempre en el carácter: si las madres son estúpidas, los hijos son estúpidos; si las madres son sabias, los hijos transpiran sabiduría. No sucede lo mismo en relación a los padres, pues sucede a menudo que padres inteligentes engedran hijos estúpidos y que padres estúpidos dan nacimiento a hijos sábios, según si la madre es uma cosa o la outra. Por eso las mujeres aman a sus hijos más de lo que los aman los padres, pues reconocen y atisban en sus hijos más de sí mismas que los padres<sup>17</sup> (p.9).

Ainda, a honra de carregar Cristo é dada exclusivamente a uma mulher, porque a ela é dado o dom de gerar, o dom da maternidade. E, no caso único da Virgem Maria, sem a ajuda de um homem. E Cristo é chamado de “filho do homem” não por causa do homem em si, como sexo, mas por causa de uma mulher. E por causa da Santíssima Virgem Maria, a mulher é considerada pela Igreja como o sexo religioso e sagrado.

La prueba de la excelência de un sexo tan afortunado puede ser puesta particularmente em evidencia y sin rastro de duda por el simple hecho de que la más noble de todas las criaturas, aquélla a quien ninguna outra supera ni jamas superará em dignidade, há sido mujer: quiero hablar de la misma bienaventurada Virgen María, la cual, si certo es que fue concebida fuera del pecado original, es más grande que Cristo, que participa de la naturaleza humana. En Aristóteles encontramos um argumento de peso: cuando lo mejor es una espécie es más noble que lo que hay de mejor em outra espécie, la primera de las espécies es más noble que la segunda. Pues bien, entre las mujeres, la mejor es la Virgen María, y entre los hombres ninguno há superado a Juan Bautista, no existe um católico que ignore cuan superior há sido la Virgen Maria sobre aquél, ella, que fue ensalzada por encima de todo el coro de los ángeles<sup>18</sup> (p. 14).

Já foi exposto, nesse mesmo trabalho, a visão de Aristóteles quanto a mulher. O filósofo a coloca como um ser extremamente inferior ao homem, o que, segundo ele, se deve, dentre outros fatores, à ausência de uma alma completa no sexo feminino e ao homem ser destinado a dominar os outros seres, entre eles a própria mulher. O que também se deve ao fato de a mulher ser um ser muito mais sentimental e piedoso se comparado ao homem.

---

<sup>16</sup> Aqui surge outra questão contemporânea que diz excluir a mulher do mercado de trabalho, enquanto não é dado ao homem mesma responsabilidade. Mas ora, é claro que não. Esse é um dom dado apenas ao sexo feminino devido a sua proeminência. Logicamente um pai não tem a mesma responsabilidade sobre o filho que ele não carrega, isso é dado à mulher! E não porque ela é obrigada a parar sua carreira profissional ou qualquer coisa que seja pra “cuidar de um filho que não é só dela”, mas porque a ela foi dado o privilégio de ser mãe.

<sup>17</sup> [...] desde a criação da humanidade a natureza tem preferido a mulher ao homem. Isto se mostra com particular evidência no fato de que apenas a semente feminina [...] é matéria e nutriente para o feto, enquanto que a do homem interfere muito pouco, penetrando como um tipo de acidente da substância. A ‘tarefa’ principal e essencial das mulheres, segundo a lei, é conceber e proteger o fruto de sua concepção e, por terem sido procriados por seu sangue, geralmente os filhos se parecem com suas mães. E embora essa semelhança seja comum no aspecto físico, se dá sempre no caráter: se as mães são estúpidas, os filhos são estúpidos; se as mães são sábias, os filhos transpiram sabedoria. O mesmo não acontece em relação aos pais, pois muitas vezes pais inteligentes geram filhos estúpidos e pais estúpidos geram filhos sábios, enquanto com as mães é uma coisa ou outra. Por isso as mulheres amam mais seus filhos do que os pais, pois reconhecem e espreitam em seus filhos mais de si mesmas do que os pais.

<sup>18</sup> A prova da excelência de um sexo tão afortunado pode ser particularmente posta em evidência se rastro de dúvida pelo simples feio de que a mais nobre de todas as criaturas, aquela que nenhuma supera nem jamais superará em dignidade, é a mulher: quero falar da mesma Bem-Aventurada Virgem Maria, a qual, se é certo de que foi concebida fora do pecado original, é maior do que Cristo, que participa da natureza humana. Em Aristóteles encontramos um argumento de peso: quanto melhor é uma espécie é mais nobre do que o que há de melhor em outra, a primeira das espécies é mais nobre do que a segunda. Pois bem, entre as mulheres, a melhor é a Virgem Maria, e entre os homens nenhum superou João Batista, não existe um católico que ignore o quão superior é a Virgem Maria, aquela que foi exaltada sobre o coro dos anjos

Já, ao analisarmos a visão de Agrippa, comparando-o aqui à Aristóteles, vemos que o primeiro vê esse detalhe do sexo como mais uma demonstração de sua nobreza e proeminência.

[...]la mujer es casi siempre mucho más piadosa y misericordiosa que el hombre, y por eso Aristóteles há considerado estos sentimientos como propios del sexo femenino, y creo que estas virtudes son las que llevaron a Salomón a decir: allí donde no hay mujer, gime el enfermo, pues la mujer hace gala de una destreza y buen humor sorprendentes cuando ayuda y assiste a los enfermos, o quizás lo dijo porque su leche es el remedio más poderoso que puede encontrarse a disposición inmediata de los enfermos debilitados y moribundos para devolverles la vida<sup>19</sup> (p. 9).

A bondade e nobreza feminina é exaltada na própria Sagrada Escritura. E, segundo Agrippa, a dignidade de nenhum homem pode ser comparada à dignidade da mulher, “La mujer es, por tanto, el cumplimiento, la perfección, la bondade, la bendición y la gloria del hombre” (p.11). E assim como Abraão, que teve imensas conquistas e glória por causa de sua esposa, Sarah, “*feliz o homem que tem uma boa mulher, pois, se duplicará o número de seus anos*” (Eclo.26,1). E ainda “*a mulher santa e honesta é uma graça inestimável*” (Eclo.26, 19).

Outra parte da história da criação muito conhecida é de como se deu o pecado original, sendo a mulher vista como culpada por cair em tentação. No entanto, mais uma vez, o autor renascentista aqui tratado, expõe uma interpretação contrária. Ele afirma que o pecado original não se deu por culpa da mulher, que pecou por ignorância, mas foi por culpa do homem, que com todo o conhecimento da situação se deixou pecar. O diabo, ao ver a excelência da mulher e reconhecer nela a essência de um ser superior, tomou-a como a primeira vítima da tentação. Já o homem, por se deixar convencer pela mulher, que pecou porque foi enganada, pecou por completo conhecimento. Assim, a culpa do pecado original recaí sobre ele. E o castigo foi dado também à mulher, não por ter comido do fruto proibido, mas sim por ter dado ao homem ocasião de fazer o mal.

[...] fue al hombre a quien había sido prohibido comer del fruto del árbol y no a la mujer: fue el hombre quien trajo la muerte, no la mujer. Y todos nosotros hemos pecado en Adán, no en Eva, y soportamos la carga del pecado original no por la falta de nuestra madre, que es mujer, sino por la de nuestro padre, que es hombre<sup>20</sup>(p.11).

Agrippa novamente faz menção a Aristóteles, o qual afirma que em todas as espécies os machos são os mais valentes, os mais prudentes e os mais nobres. “A relação de superioridade existe constantemente da espécie macho para a espécie fêmea” (A política, p. 41). Nesse ponto da argumentação de Aristóteles, Agrippa faz uso das palavras do apóstolo Paulo, dentro da primeira epístola aos Coríntios, que para ele foi muito mais sábio que Aristóteles:

Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante (I Cor. 1, 27-28).

Dentro das oposições entre esses dois autores, pode-se tratar de uma outra visão que entra em contraste. Aristóteles trata o fluxo menstrual da mulher como prova de sua inferioridade e fragilidade o que, mais uma vez, é interpretado de forma extremamente contrária por Agrippa, que trata a menstruação como mais uma prova de sua superioridade, consistindo na capacidade feminina de curar-se por si mesma: “ese don divino que han recibido las mujeres y que todos admiran: me refiro al poder de curarse por sí mismas y por sus propios medios de todo tipo

---

<sup>19</sup> A mulher é quase sempre muito mais piedosa e misericordiosa que o homem, e por isso Aristóteles considerou estes sentimentos como próprios do sexo feminino e creio que estas virtudes são as que levaram Salomão a dizer: onde não há mulher, lamenta o enfermo, pois a mulher possui uma destreza e bom humor surpreendentes quando ajuda e assiste os doentes ou talvez lhe digo que seu leite é o remédio mais poderoso que pode estar disponível para um enfermo muito debilitado e com vontade de retomar a vida.

<sup>20</sup> [...] foi ao homem a quem havia sido proibido comer do fruto da árvore e não à mulher; foi o homem que trouxe a morte, não a mulher. Etodos nós temos pecado em Adão, não em Eva, e suportamos a carga do pecado original não por falta da nossa mãe, que é mulher, mas por falta de nosso pai, que é homem.

de enfermedades, sin recurrir a ninguna ayuda extraña o foránea”<sup>21</sup> (p. 10).

Outra diferença entre os autores é o que se refere às características dos filhos. Agrippa afirma que estas são transmitidas exclusivamente da mãe para o filho, sendo esta quem gera. Aristóteles, por outro lado, dá a responsabilidade de gerar ao pai, sendo a fêmea, nesse processo, elemento passivo e o pai faz o filho à sua imagem. É do macho, enquanto elemento ativo, que vem a forma e o princípio do movimento. Sendo a fêmea, responsável pelo corpo e pela matéria. Já que é no sangue menstrual que contém em potência as partes do corpo do embrião, sendo estas nada mais que matéria.

Cornelius Agrippa defende ainda que os homens, ao contrário das mulheres, são a origem de todos os males. Foram eles que, em primeiro lugar, conheceram todos os pecados. “Cabe decir además que la excelencia, la bondad y la inocência del sexo feminino pueden ser ampliamente demostradas por el hecho de que los hombres son el origen de todos los males, lo cual puede decirse muy rara vez de las mujeres”<sup>22</sup> (p.15).

Foi Noé aquele que primeiro se embriagou: “*Tendo bebido vinho, embriagou-se, e apareceu nu no meio de sua tenda*” (Gen. 9, 21); foi Lamec o primeiro adúltero, que se tornou bígamo: “*Lamec tomou duas mulheres, uma chamada Ada e outra Sela*” (Gen IV, 19); Foi Nemrod o primeiro tirano: “*Cus gerou Nemrod, que foi o primeiro homem poderoso as terra*” (Gen X, 8). Diante disso Agrippa afirma que “las mujeres son más pudicas, más castas, mucho más contenidas que los hombres”<sup>23</sup> (p. 15).

Agrippa defende que a mulher tem as mesmas possibilidade e capacidades que qualquer homem, sendo esta capaz de realizar tudo aquilo que um homem realiza com igual, e algumas vezes até com maior, brilho. “[...] las mujeres tienen las mismas posibilidades que los hombres, demostrémoslo con ejemplos, y así descubriremos que no hay hazaña, sea cual sea el talento, realizada por los hombres que no haya sido llevada a cabo por las mujeres con igual brillo”<sup>24</sup> (p. 18).

Para sustentar esse seu argumento, o autor cita algumas mulheres que tiveram sucesso exercendo papéis que, em teoria, eram dedicados somente aos homens. Na Igreja, por exemplo, ele cita Santa Brígida, canonizada em 1391, a qual fundou uma nova ordem com o nome “Ordem do Santos Salvador Chamada Ordem Brigidina”. A mulher também exerceu um papel importante na filosofia, com Teano, esposa de Pitágoras, e sua filha, que assumiram a escola pitagórica após a morte deste. Na escola grega, que Pitágoras conduzia, havia mulheres acadêmicas e mestras, no entanto, todos os trabalhos produzidos eram publicados no nome de Pitágoras, em nome da escola.

E, mais uma vez, temos as mulheres citadas nas Sagradas Escrituras, como Judite. Ao analisarmos o livro de Judite, notamos o alto poder de dominação e manipulação que a mulher exerce sobre a figura masculina:

*“O senhor aumentou-lhe a beleza, porque tudo aquilo procedia, não de uma paixão má, mas de sua virtude; por isso o Senhor deu-lhe uma tal formosura, que apareceu aos olhos de todos com um encanto incomparável” (Jdt. 10,4).*

E fazendo uso, principalmente, de sua beleza e virtude dadas a ela por Deus, é que Judite manipula Holofernes, que estava trazendo tamanha desgraça ao povo israelita. E, ouvindo as palavras de Judite, “os homens olhavam-na de frente com os olhos deslumbrados de admiração pela sua grande beleza” (Jdt, 10,14).

Agrippa, dessa forma, defende a superioridade da mulher dentro das mais diversas formas. Assim como defende a forma com que algumas instituições dependem da mesma, como a família e o próprio Estado.

---

<sup>21</sup> Esse dom divino recebido pelas mulheres e que todos admiram: me refiro ao poder de curar-se por si mesmas e por seus próprios meios, de todo o tipo de enfermidade, sem recorrer à nenhuma ajuda estranha ou de fora.

<sup>22</sup> Cabe dizer também que a excelência, a bondade e a inocência do sexo feminino podem ser amplamente demonstradas pelo fato de que os homens são a origem de todos os males, o que pode ser atribuído raramente às mulheres.

<sup>23</sup> As mulheres são mais puras, mais castas e muito mais contidas que os homens.

<sup>24</sup> As mulheres tem as mesmas possibilidades que os homens, demonstremo-los com exemplos, e assim descobriremos que não há façanha, seja qual for o talento, realizada pelos homens que não seja levada a cabo pelas mulheres com igual brilho.

Remetendo-se neste ponto à Regine Pernoud, verifica-se que esta também defende essa dependência e grande participação da mulher, principalmente na família, a qual é a base, o alicerce dentro desta.

“Nadie es capaz de resumir las infinitas alabanzas que merecen las mujeres, ellas, que están en el origen de nuestro ser, ellas, que aseguran la conservación del género humano, el cual estaría sin ellas abocado a la pérdida, ellas, de quien depende toda familia y todo estado”<sup>25</sup> (p.20).

Agrippa também se remete a Platão e à visão deste da figura feminina. Platão de fato reconhecia na mulher a sua igualdade ao homem, defendendo que estas ocupassem os mesmos lugares na sociedade, participando dos mesmos exercícios e até tivessem o mesmo treinamento militar que estes. No entanto, essa ideia é defendida no que se refere à construção das cidades, onde homens e mulheres não são tratados em sua especificidade. As naturezas de um e de outro são tratadas, por Platão, de maneira idêntica. O único plano em que mulher e homem entram em oposição, aqui, é o da reprodução, já que dar à luz se opõe a gerar, de acordo com as respectivas funções dadas aos sexos.

Dessa forma, deixa-se de levar em conta o que se trata aqui como a complementariedade dos sexos e a importância de suas diferenças e individualidades.

“Licurgo y Platón, hombres de peso por su sabiduría y enteramente competentes por su conocimiento, sabiendo, merced a los secretos de la filosofía, que las mujeres no son inferiores a los hombres ni por excelencia de espíritu, ni por fuerza física, ni por dignidad de la naturaleza, sino que por el contrario son tan aptas para todo como ellos, decidieron que las mujeres se ejercitaran con los hombres en la lucha, en la gimnasia y en todo lo concerniente a la formación militar, el caballo como a pie, y para todo saber disponer el campo, las líneas de batalla y para dirigir ejércitos; en resumen, sometieron a hombres y mujeres a idénticos ejercicios”<sup>26</sup> (p.21).

Dentro do discurso platônico, homens e mulheres são tratados da mesma forma no que se refere à formação das cidades e às funções sociais. Abaixo das cidades encontram-se os indivíduos, tratados como sujeitos independentes de gênero, onde cada um é constituído de aptidões pessoais. O grande problema de Platão é não tratar, nesse ponto, da especificidade dos sexos que é de extrema importância no funcionamento de uma sociedade e de suas instituições, como a família, por exemplo. Dentro da ideia de Platão, a família não é levada em conta na constituição da cidade, ele trata apenas de indivíduos como sujeitos ativos dentro desta.

[...] as fêmeas dos cães devem cooperar com os machos na atividade da guarda, da caça e em todo o resto, ou que devem permanecer no canil, enquanto os machos trabalham e assumem toda a responsabilidade do rebanho. [...] Mas é possível exigir de um animal, os mesmos trabalhos exigidos de outro, se ele não tiver sido alimentado e criado da mesma forma? [...] Logo, se exigimos das mulheres os mesmos serviços que dos homens, precisamos fornecer-lhes o mesmo tipo de educação (Platão, 2012, p.132).

Na antiguidade há uma distinção do intelecto masculino em relação à sensação feminina, que é um aspecto importante dentro da concepção grega, de que trata Platão, no que se refere à diferença sexual. É atribuída à mulher a vocação para acolher, receber em si e sua competência e habilidade na gestão da casa e cuidado com os filhos. É diante disso que Platão exprime uma certa indignação e afirma a educação igual entre homens e mulheres em *A República*.

As mulheres são tratadas como parte do gênero humano contrário ao masculino, sendo, desta forma, parte de um todo. Platão procura esclarecer essa diferença entre os dois gêneros, tratando da homogeneidade de um e de

---

<sup>25</sup> Nada é capaz de resumir os infinitos louvores que merecem as mulheres, elas, que estão na origem do nosso ser, elas que asseguram a conservação da humanidade, a qual estaria sem ela um tanto quanto perdida, a elas, da qual depende a família e o estado

<sup>26</sup> Licurgo e Platão, homens importantes por sua sabedoria e inteiramente competentes por seu conhecimento, sabendo, graças aos segredos da filosofia, que as mulheres não são inferiores aos homens, nem por excelência de espírito, nem por força física, nem por dignidade da natureza, mas ao contrário, elas são tão adequadas para tudo como eles, decidiram que as mulheres se exercitariam como os homens nas lutas, na ginástica e em tudo o que diz respeito à formação militar, à cavalo ou a pé, e para todos saberem lidar com o campo, nas linhas de batalha e para liderar exército; em resumo, submetem homens e mulheres a exercícios idênticos.

outro, em torno da qual se constrói o modelo de cidade perfeita. Como parte do gênero humano, que se divide em masculino e feminino, as mulheres deviam realizar as mesmas atividades e funções que os homens, não apresentando especificidade. No entanto, homens e mulheres possuem naturezas diferentes, sendo, então, necessárias ocupações distintas para ambos os gêneros.

Da mesma forma que Pernoud, Agrippa também responsabiliza o Direito Romano pela mudança na forma do tratamento com o sexo feminino. Foi o direito romano que fez com que todas as mulheres se submetessem a leis injustas que não as colocavam em seu lugar de direito. A liberdade dada a mulher lhe é negada devido à tirania do homem.

[...] he mostrado la preeminência del dexo feminino a partir de su nombre, orden, lugar y matéria de su creación, y que la dignidad superior al hombre la há recebido la mujer de Dios. He prosseguido mi demostración apoyándome a la vez em la naturaleza, en las leyes humanas, en diversas autoridades, en diversos razonamientos y en diversos ejemplos<sup>27</sup> (p.23).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi tratado até aqui, verifica-se que a mulher exercia papéis importantes dentro das sociedades e de suas instituições, sendo a família a principal instituição. A família é defendida por todos os autores tratados nesse trabalho, com exceção de Platão. Para Aristóteles é em torno da família que o Estado e a sociedade se fundam, dentro da qual homem e mulher possuem funções distintas, complementares e importantes para o bom funcionamento social. No entanto, o filósofo tem o homem como ser superior à mulher em todas as suas formas e funções, apesar de não dispensar a complementariedade entre os sexos. Enquanto Platão, por sua vez, pensa o homem e a mulher como iguais, ambos capazes de realizar as mesmas atividades e funções para a constituição de uma cidade perfeita. Mas também já apontamos o erro deste ao pensar uma sociedade constituída de indivíduos sem pensar, de fato, na individualidade destes, sendo homens e mulheres, que possuem diferenças que são importantes e indispensáveis para o bom funcionamento de qualquer sociedade.

Agrippa trata muito detalhadamente da nobreza e proeminência do sexo feminino, o que nos faz negar qualquer ideia de inferioridade da mulher em relação ao homem, sendo esta capaz de realizar todas as tarefas destinadas à figura masculina com igual ou maior brilho e perfeição. A todo momento Agrippa destaca as diferenças entre os sexos, o que é de fundamental importância principalmente ao tratar da questão da complementariedade entre estes. Homem e mulher, assim como é exposto também por Aristóteles, possuem diferenças físicas, biológicas, anatômicas; diferenças essas que não podem ser negadas, mas muito pelo contrário, são importantes para a fundamentação de instituições, sejam estas quais sejam. Dentro da família, por exemplo, o homem é o responsável pelo sustento da casa e a mulher pelo cuidado com esta e com os filhos e, na maioria das vezes, responsável pela administração do lar.

Nesse ponto das conclusões aqui tomadas, pode-se estabelecer um paralelo com essas questões e a modernidade. Atualmente, segundo algumas correntes feministas, essa divisão de funções entre homem e mulher é considerada negativa, visto que é negado à mulher os mesmos direitos que os homens, o que aconteceu, como foi visto, com a introdução do Direito Romano na nossa sociedade. No entanto, diante das interpretações de Agrippa, o que concluo é exatamente o contrário. Homens e mulheres são seres completamente distintos e, por isso, complementares, cada um com funções específicas que cabem aos sexos, devido às notáveis diferenças biológicas, etc, e com imensa importância e funcionalidade. Vejo também a mulher como o sexo privilegiado a quem nada é negado, mas é dado a ela o direito da escolha, o que é negado ao homem. A mulher tem o poder de escolher ser mãe, constituir família e cuidar da casa e dos filhos ou fazer escolhas que não envolvam nada disso ou, até mesmo, conciliar uma coisa e outra, mas não é obrigada a seguir nenhum desses caminhos. Diante disso, é injusto dizer que a mulher não tem espaço na sociedade ou que é tida como inferior ao homem, pois o que tem-se na prática é exatamente o contrário.

---

<sup>27</sup> [...] tenho mostrado a proeminência do sexo feminino a partir de seu nome, ordem, lugar e matéria de sua criação, e que a mulher recebeu de Deus dignidade superior ao homem. Tenho prosseguido minha demonstração inclinando-me à natureza, nas leis humanas, em diversas autoridades, em diversos raciocínios e em diversos exemplos

De qualquer forma, os objetivos desse trabalho foram concluídos, o de expor a imagem de uma figura feminina valorizada e respeitada e, em muitos aspectos, considerada superior ao sexo masculino, segundo as interpretações de Agrippa, que foram o objetivo central desse trabalho, que não deixa de ter sua importância, mas não possui a nobreza, destreza e delicadeza de uma mulher. Esse é apenas o início e o ponto de partida para um longo processo de pesquisa e dedicação para trabalhar a imagem da figura feminina ao longo dos séculos, e ter uma base de comparação com a imagem da mulher nos dias de hoje. Pois a busca por ocupar o mesmo lugar, os mesmos espaços, as mesmas funções e tarefas que os homens é um tanto quanto ilusória, já que, por mais que ela seja perfeitamente capaz de fazer tudo o que um homem faz, essa busca por uma igualdade ao sexo masculino, ao invés de elevá-la, a rebaixa, pois seu papel é muito mais nobre e proeminente que o do homem, seja dentro da família ou não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **A Política**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2011. PERNOD, Régine. **O Mito da Idade Média**. Portugal: Europa-américa, 1977. PERNOD, Régine. **Luz Sobre a Idade Média**. Portugal: Europa-américa, 1981. PLATÃO. **A República**. Brasília: Kiron, 2012. LORAU, Nicole; SISSA, Giulia; THOMAS, Yan; LISSARRAGUE, François; LEDUC, Claudine; ROUSELLE, Aline; ZAIDMAN, Louise Bruit; SCHEID, John; ALEXANDRE, Monique; GEORGODI, Stella. **História das Mulheres no Ocidente: Vol.1: A Antiguidade**. 470. ed. Porto: Edições de Afrontamento, Lda., 1990.

VON NETTESHEIM, Heinrich Cornelius Agrippa. **DE LA NOBLEZA Y EXCELENCIA DEL SEXO FEMENINO**. 1486-1585. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://cosmogono.files.wordpress.com/2008/03/excelencia.doc&ved=0ahUKEwjYnreru7\\_RAhWKEJAKHd6jAwEQFggeMAI&usg=AFQjCNH4LSEgYaOKbvy6E61EONQFsjNpuQ&sig2=HI07PvJ9xXzLyVLyUuPyZQ](https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://cosmogono.files.wordpress.com/2008/03/excelencia.doc&ved=0ahUKEwjYnreru7_RAhWKEJAKHd6jAwEQFggeMAI&usg=AFQjCNH4LSEgYaOKbvy6E61EONQFsjNpuQ&sig2=HI07PvJ9xXzLyVLyUuPyZQ)>. Acesso em: jan. 2017.

BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.